

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

BERNADETE MACHADO SERPE

**A TRILHA INTERPRETATIVA COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM
SOCIOAMBIENTAL EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO**

PONTA GROSSA

2010

BERNADETE MACHADO SERPE

**A TRILHA INTERPRETATIVA COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM
SOCIOAMBIENTAL EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO**

Relatório de pesquisa apresentado ao Instituto Ambiental do Paraná, à Diretoria de Biodiversidade e Áreas Protegidas – DIBAP, como requisito constante na Autorização de Pesquisa Científica Nº 50/07.

Orientador: Prof. Dr. Ademir José Rosso

**Ponta Grossa
2010**

A Trilha Interpretativa como estratégia de aprendizagem socioambiental em uma Unidade de Conservação

Bernadete Machado Serpe¹, Ademir José Rosso²

Resumo

Este texto refere-se a um relatório de pesquisa com dados obtidos por meio de intervenções aos visitantes e aos monitores, realizadas durante o período correspondente ao ano de 2008 no Parque Estadual do Guartelá. Como resultado das intervenções obteve-se uma dissertação de mestrado, na qual há a interpretação das informações obtidas por meio das intervenções. A estratégia de investigação foi a entrevista semi-estruturada que demonstrou os pontos positivos e negativos que o visitante percebe durante o percurso da trilha, e a observação com roteiro, desenvolvido pelos pesquisadores. Com as informações obtidas houve a análise do material por meio da análise de conteúdo e também o tratamento das informações pelo software ALCESTE (Análise Lexical pelo Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto). A partir do resultado dessas análises foi possível constatar que o visitante apresenta uma aprendizagem socioambiental quando existe a proposta de ações provocativas que o impulsiona a interagir com o ambiente. Além disso, o sujeito necessita de informações sobre o ambiente que irá visitar para que consiga interagir melhor com esse.

Introdução

Para a realização da pesquisa foi apresentado ao Instituto Ambiental do Paraná – IAP, um projeto de pesquisa sob o título “A trilha interpretativa como estratégia de aprendizagem socioambiental em uma unidade de conservação”. No referido projeto apresentávamos como proposta enfatizar as implicações da teoria de Piaget na relação

¹ Licenciada em Pedagogia. Mestre em Educação pela UEPG. Professora Substituta no Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita – UNESP – Rio Claro/SP. machado_be@yahoo.com.br

² Licenciado em Ciências e Biologia. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da Licenciatura em Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pós-Doutorando pela UFSC. ajrosso@uepg.br

ensino-aprendizagem envolvendo os indivíduos em uma prática pedagógica diferenciada.

Realizamos várias intervenções com os visitantes no mês de fevereiro e maio de 2008, e também entrevistas à alguns monitores que estiveram no PEG nesse período, realizamos um recorte na pesquisa, delimitando objetivos específicos e uma metodologia baseada na pesquisa-ação e na pesquisa do tipo etnográfica, que envolve o pesquisador no ambiente a ser pesquisado.

A pesquisa foi fundamentada teoricamente nos pressupostos da Epistemologia Genética, proposta por Piaget, e pela Epistemologia Ambiental, proposta por Enrique Leff. Os teóricos e seus colaboradores alicerçaram os objetivos do trabalho:

Objetivo geral: investigar os fatores que promovem a percepção dos visitantes em uma trilha interpretativa, que podem implicar aprendizagem socioambiental.

E os objetivos específicos:

- Descrever situações na trilha interpretativa que possam contribuir para que os visitantes desenvolvam atitudes socioambientais a partir da visita a uma área de proteção ambiental;
- Analisar momentos em que a percepção dos visitantes produz um desequilíbrio cognitivo.

Assim, buscamos evidenciar a possibilidade do aprendizado em uma TI, provocado por conflito cognitivo do visitante ao tentar responder aos questionamentos do monitor.

Realizamos um estudo em relação à abordagem de vários autores sobre a percepção em ambientes naturais, como reposta obteve-se que percepção na educação ambiental é confundida com sensibilização. Para nós, a partir do estudo de Piaget, a percepção supera a sensibilização na construção do conhecimento. Dessa forma, propomos a experiência ativa do visitante na trilha, essa experiência ativa equivale à possibilidade de o sujeito experienciar o ambiente sem o auxílio de placas, painéis ou temas específicos, e sim por meio de sua própria capacidade de observação e interpretação do ambiente.

Utilizamos como procedimentos para a coleta das informações a entrevista não-diretiva e a observação com roteiro que desenvolvemos para facilitar a observação

durante o acompanhamento ao visitante no percurso da trilha básica. Para a análise das informações utilizamos a proposta da análise de conteúdo e a interpretação do relatório emitido pelo software ALCESTE.

Como principal resultado, apresentamos a necessidade de se referir ao indivíduo que visita uma área de conservação como visitante e não como turista. Pois o visitante se envolve com a história e cultura do local em que realiza o seu passeio, já o turista, apenas passa pelo ambiente, tira algumas fotos e vai embora para outro atrativo turístico.

Perspectiva do trabalho e resultados obtidos

A problemática da investigação é centrada na aprendizagem socioambiental a partir da percepção do visitante na trilha interpretativa de uma unidade de conservação. A trajetória para chegar a esse problema foi fundamentada em diversos acompanhamentos aos visitantes durante o trabalho voluntário, na unidade de conservação, e também, em intervenções ao final da visita a alguns visitantes durante o mês de fevereiro de 2008, para aproveitar o grande público que visita o parque durante o feriado de carnaval.

A monitoria das trilhas é realizada por trabalho voluntário de acadêmicos ou alunos de cursos técnicos que, na trilha, tem os pontos estratégicos para se posicionar com a principal finalidade de não possibilitar ao visitante acesso a lugares fora do percurso. Então, para constarmos qual a representação que esse monitor tem em relação ao visitante, desenvolvemos um instrumento com perguntas semi-estruturadas para os voluntários responderem. Como o trabalho voluntário prevê a rotatividade de monitores, aplicamos o questionário para os monitores que estiveram no Parque no mês de fevereiro e no mês de maio. Para a análise das respostas consultamos Sauv e (2005) que discorre sobre as correntes em educa o ambiental.

Correntes em Educação Ambiental	Respostas Subjetivas	Correntes em Educação Ambiental	Respostas Objetivas
Conservacionista/Recurista	36	Prática	11
Humanista	06		
Naturalista	03		
Ecoeducação	02	Naturalista	05
Moral e Ética	01		
Holística	01		
Prática	01	Conservacionista/Recurista	03
Resolutiva	01		

Fonte: Bernadete Machado, 2009, p.68.

Tabela 1: Análise das respostas subjetivas e objetivas dos monitores do PEG.

Com essa análise constatamos que o monitor vê o visitante como um intruso na unidade de conservação, e que há necessidade de tentar impedir esse de transgredir as normas da unidade. Então, o monitor acredita que sua função é vigiar o visitante, o que para nossa investigação foi muito preocupante.

Para os visitantes, elaboramos um questionário para avaliar o que resta de representativo ao final da visita a uma unidade de conservação. Este questionário constava de 7 questões afirmativas em que o visitante classificaria aspectos ligados à visita, conforme o grau de importância (“muito importante”, “importante”, “necessário” e “desnecessário”), e uma questão aberta sobre a experiência da visita interferir ou não em atitudes e/ou compromissos na vida cotidiana/urbana. Aplicamos os questionários para 32 pessoas integrantes de grupos heterogêneos, sendo que 26 dessas eram paranaenses, 2 pessoas do estado de Santa Catarina, 3 visitantes do estado de São Paulo e 1 pessoa de Teresina. A faixa etária que prevaleceu foi entre 19 a 39 anos (26 pessoas), e a escolaridade predominante foi o Ensino Superior (24).

Após análise da resposta subjetiva, resolvemos categorizá-las, também, dentro das correntes em educação ambiental, conforme Sauvé (2005). As correntes que mais tiveram ocorrências foram a naturalista (11) e a conservacionista (10), seguidas por distância considerável ocorreram as correntes da ecoeduca o (4), a moral/ tica (3), a humanista, a prática, a sist mica e a da sustentabilidade, essas com uma ocorrência cada uma. A partir do resultado, surgiu a preocupa o com a aprendizagem do visitante, tendo em vista que a corrente naturalista representa a sensibiliza o do

sujeito no meio natural, e, a corrente conservacionista prevê o cumprimento de normas e vê o ambiente somente como recurso.

Nesse sentido, adotamos uma metodologia que envolve uma interface da pesquisa-ação com a pesquisa do tipo etnográfica. Fizemos a escolha pela pesquisa-ação devido à intenção do pesquisador na mudança da realidade investigada, e também porque a pesquisa e a ação envolvem a “transformação da prática” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 212). Além disso, “é uma metodologia que tem como característica principal a construção coletiva do conhecimento onde todos os envolvidos têm voz ativa” (GONZALES et al, 2007, p. 386). Para isso voltamos nosso olhar para a abordagem crítica da pesquisa-ação, que prevê um processo de reflexão da experiência, por parte do sujeito investigado (GHEDIN; FRANCO, 2008).

Nossa justificativa para optarmos também pela pesquisa do tipo etnográfica, se referencia ao fato do pesquisador imergir no universo cognitivo do sujeito, tentando compreender a subjetividade desse. Além disso, a pesquisa do tipo etnográfica estabelece que “uma boa interpretação de qualquer coisa exige descobrir o que significa toda a trama de significados” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 185). Na interface que propomos na investigação, prevemos não somente a inserção do pesquisador no ambiente a ser pesquisado, como também a aproximação com o sujeito, possibilitando a interpretação num contexto mais amplo.

Desse modo, a partir dos resultados, estruturamos uma nova intervenção. Como estratégia para intervenção junto ao visitante optamos pela entrevista não-diretiva, na qual o pesquisador acompanhou o visitante durante todo o percurso da trilha. As perguntas foram feitas nos principais pontos de parada, a intervenção foi gravada (com a autorização do visitante), e transcrita posteriormente. As perguntas funcionaram como provocação ao visitante, pois o que revelou se o sujeito entrou em possível conflito cognitivo foi a capacidade de observação do pesquisador. É a partir do conflito cognitivo que o visitante conseguiu acrescentar uma nova informação e também reconstruir seus conhecimentos. Além disso, também foi enviado, via e-mail, para os visitantes entrevistados, uma breve avaliação sobre a visita ao Parque. A avaliação constou de uma pergunta sobre o aproveitamento da visita para a vida

cotidiana/urbana, e uma questão em que o visitante teve espaço para sugestões para a próxima visita. No entanto, foram poucos os visitantes que responderam ao e-mail.

As questões que nortearam a investigação centraram como sujeito, o visitante, e como objeto a aprendizagem socioambiental, as indagações a que buscamos responder se referiram a:

- Que contribuições a visita a uma área de proteção ambiental pode apresentar para viabilizar a aprendizagem socioambiental dos visitantes?
- Em que situações a experiência ativa dos visitantes proporciona a aquisição de atitudes socioambientais?
- Como as percepções dos visitantes em relação ao ambiente, podem integrar e promover desequilíbrios cognitivos na aprendizagem de atitudes socioambientais?

A pesquisa teve como hipótese inicial, que a partir da experiência ativa, na trilha interpretativa, o visitante estabelece um conflito cognitivo que possibilita a (re)construção do conhecimento sobre o ambiente.

Com a conclusão das transcrições das entrevistas, realizamos, primeiramente, leituras analíticas das informações, a fim de encontrar elementos textuais significativos para a categorização por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Também utilizamos o tratamento das informações pelo software ALCESTE para a tabulação e análise das palavras principais, mencionadas pelos participantes.

Toda a análise foi centrada no processo de aprendizagem do sujeito. Isso porque a preocupação com a aprendizagem é uma inquietação que norteia todo processo de ensino em toda e qualquer área do conhecimento.

Nossa investigação centralizou as discussões teóricas em Piaget e seus colaboradores que promovem estudos sobre sua teoria. A escolha por Piaget se justifica principalmente porque buscamos problematizar a construção do conhecimento a partir da ação do próprio indivíduo. No entanto, essa ação deriva da experiência que o visitante tem na trilha, e para que esta experiência seja expressiva o sujeito precisa atribuir significados aos elementos observados. Para Rosso (1998) isso acontece porque,

Todas as formas de conhecimentos, como também a construção das estruturas mentais, dependem direta ou indiretamente da experiência do indivíduo com o meio físico ou social. [...] as ações se dão sempre sobre

um objeto (não existem ações no vazio), ainda mais que todo o conhecimento está sempre relacionado a uma atividade humana. (p. 89)

Nesse sentido, o sujeito ao ser questionado sobre as características de determinado elemento, é provocado a realizar uma observação mais atenta, porque “ao pensar produtivamente, o sujeito é afetado pela provocação (resistência do objeto), pois no desafio de dar conta do objeto precisa reestruturar-se” (ROSSO et al, 1998, p. 76). Essa reestruturação equivale ao desequilíbrio cognitivo. Esse desequilíbrio inicia um processo de (re)construção do objeto e orienta a construção de uma nova estrutura quando as ações se auto-organizam, o que caracteriza a equilibração. Esse processo resulta na “ação deslocada do plano material e exterior ao plano mental, interconectando e construindo novos significados e formas de conhecer” (ROSSO et al, 1998, p. 71). Para que essa ação seja interiorizada, antes é desencadeado um processo perceptivo que envolve a elaboração de outras estruturas para que o indivíduo chegue à aprendizagem.

Em sua obra Problemas de Psicologia Genética (1983) Piaget enfatiza que a aprendizagem não provém apenas da experiência por si só, mas de ações coordenadas e interiorizadas onde considera fundamental a atividade do sujeito. A partir desse pressuposto surge o questionamento: como acontece o processo de aprendizagem? Tendo como referência estudos do autor sobre o assunto, pode-se afirmar que o desenvolvimento cognitivo precede a aprendizagem. Nesse sentido, o indivíduo coordena as ações de acordo com sua capacidade intelectual.

Além disso, é possível explicitar também que a aprendizagem por meio da experiência requer “ligações sucessivas em função do tempo e das repetições objetivas” (PIAGET, 1983, p.259), ou seja, o indivíduo aprende quando já possui estruturas cognitivas previamente construídas. Assim, a aprendizagem acontece por meio de conflitos cognitivos provocados por ações coordenadas que entram em choque (desequilíbrio) com novas ações.

Mas, para chegar ao conflito cognitivo, existe um fator que desencadeia esse processo, e esse fator é a percepção. Para definir o que é a percepção é importante situar o indivíduo em relação aos inúmeros estímulos que recebe, sejam eles físicos, mentais ou visuais. Existe, porém, um elemento representativo que se faz presente em

todo e qualquer estímulo que se configura nas sensações. Piaget esclarece que “a percepção não é composta de sensações, mas uma composição imediata destas” (1978, p. 72), para o autor a percepção é construída pelas sensações, ou seja, pelo “contato imediato” (1983, p. 259). O processo perceptivo é desencadeado por meio de associações entre os órgãos dos sentidos e o intelecto, ou seja, há a incorporação de determinadas ações que são transformadas em conhecimento.

Mas o que desencadeia a percepção? É importante verificar alguns elementos representativos que se fazem essenciais no desenvolvimento do processo perceptivo. O ato de perceber envolve primeiro a noção do percebido, “as noções não são tiradas da manipulação dos objetos simplesmente, mas da coordenação das ações do sujeito, constituindo-se numa ação-reflexão” (ROSSO et al, 1998, p.66). Assim, a ação interiorizada resulta da noção do objeto.

Essa ação desencadeia um novo processo de ação intelectual, que se caracteriza pelo ato de interiorização de determinado objeto que entra em conflito com as representações já formadas referente ao mesmo. Isso porque quando a ação é interiorizada pelo indivíduo há o envolvimento do “aspecto ativo, atuante da inteligência, que transforma e modifica os dados que o indivíduo põe em ação ao conhecer” (ROSSO et al, 1998, p.67). Assim, pode ser verificado que a partir dos mecanismos envolvidos nesta ação, existe a possibilidade de (re)estruturação do objeto conhecido, por meio da problematização desse.

Adotamos como principais autores para discutir a educação ambiental Enrique Leff (2004a, 2004b, 2006), que discute principalmente sobre a epistemologia ambiental, a interdisciplinaridade na educação ambiental (EA) e o saber ambiental; Lucie Sauvé (2005) que investiga e analisa 15 correntes em EA; Isabel C. M. Carvalho se aproxima mais das questões políticas em EA; Marília F. de C. Tozoni-Reis (REIGADA; TOZONI REIS, 2004; GONZALES et al 2007) que centraliza as discussões na pesquisa-ação em educação ambiental; e Ademir José Rosso que se preocupa principalmente com a aprendizagem em EA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conflito desencadeia processos que ao serem organizados pelo indivíduo acrescenta informações necessárias ao desenvolvimento cognitivo. Fazem parte desse procedimento, principalmente os fatores que estimulam ramificações capazes de promover a re-construção do conhecimento já adquirido. As novas aquisições somam-se às antigas integrando um conhecimento modificado ou novo.

De todo esse processo faz parte os esquemas de conhecimento que o sujeito possui e re-estrutura; a adaptação (assimilação e acomodação); o desequilíbrio que provoca a equilibração das estruturas cognitivas. Todos os elementos que pressupõe essa atividade se configuram na capacidade do indivíduo acrescentar uma informação nova, ou re-estruturar uma já adquirida e acrescentá-la à percepção.

No entanto, em nossa investigação, só foi possível vivenciar esse processo os indivíduos que tiveram liberdade e autonomia para problematizarem o ambiente de acordo com suas possibilidades e limitações cognitivas. A partir desse pressuposto afirmamos que o elemento norteador do princípio educativo no processo de visitaçao do Parque Estadual do Guartelá, se configura na representatividade do sujeito, porém, não como dominador ou dominado, controlador ou controlado, supervisor ou supervisionado, e sim como mediador do próprio processo educativo.

A trilha, assim como o próprio ambiente são educativos. No entanto, há a necessidade de uma pessoa, não para acompanhar e narrar, mas, para provocar o indivíduo a pensar e se posicionar com uma opinião ou afirmação quanto ao próprio entendimento em relação ao objeto problematizado.

A contribuição está no significado que esse objeto passa a representar para o sujeito, após ser desvelado pelo próprio sujeito. E a aprendizagem se configura na experiência de observar e entender as implicações históricas e culturais que estão presentes nesse processo.

A situação que a experiência ativa dos visitantes proporciona a aquisição de atitudes socioambientais está relacionada, justamente, a esse processo de aproximação do visitante com o ambiente. No momento em que o indivíduo é provocado a se posicionar como sujeito, passa a prestar mais atenção no que está a sua volta. A partir desse momento, faz associações e referências a experiências

anteriores e, estabelece um juízo para decifrar as causas que provocaram as transformações no ambiente.

No momento em que o visitante era questionado, por meio de sua fala ou dos gestos, o silêncio prolongado e mais representativo, o olhar que lançava novamente ao ambiente, mostrava que o sujeito tentava re-organizar seu pensamento. As respostas eram construídas cuidadosamente, e várias vezes modificadas.

Enviamos por e-mail a todos os 45 entrevistados uma avaliação com duas questões, mas obtivemos retorno de somente 8 sujeitos. Nas respostas infelizmente não ficou explícito uma amostra de aquisição de atitudes, mas todos os textos revelam que o indivíduo, lembra de aspectos que ele próprio foi instigado a interpretar.

O pressuposto do trabalho foi que a partir da experiência ativa, na TI, o visitante estabelece um conflito cognitivo que possibilita a (re)construção do conhecimento sobre o ambiente. Atestamos essa hipótese também no momento de intervenção, em que o visitante buscava em seu pensamento e no próprio ambiente responder às questões.

Esse estudo nos possibilitou comprovar que a TI possui um grande potencial educativo não se restringindo à simples atividades de sensibilização. Mais ainda, comprovamos que os sujeitos que mais se mostraram sensibilizados com o ambiente, foram os que menos problematizaram o ambiente.

Não descartamos fruir a importância da experiência sensorial, deleite, desfrute do sujeito, mas afirmamos que há a necessidade de alternativas que propiciem ao visitante uma interação mais próxima com o ambiente. A mudança das atitudes socioambientais não está somente na contemplação, mas exige também a problematização. Podemos retomar de Piaget (1978) a afirmação de que o conhecimento não está na percepção, mas naquilo que o sujeito consegue acrescentar à percepção.

A partir dessa pesquisa, a principal implicação dos resultados acontece na própria UC, em que há a necessidade dos gestores retomarem as propostas que estão presentes no plano de manejo e reverem o processo de visitação. Além disso, é necessário rever o papel do monitor como educador ambiental, ou seja, o sujeito que problematiza o ambiente, ao contrário de apenas repassar informações e cuidar para que os visitantes não desobedeçam às normas da UC. Como ficou comprovado, com a

análise das informações, o visitante interage melhor com o ambiente quando é instigado, provocado a observar as características próprias do ambiente.

Referências:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONZALEZ, L. T. V.; TOZONI-REIS, M. F. de C.; DINIZ, R. E. da S. Educação ambiental na comunidade: uma proposta de pesquisa-ação. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, v.18, janeiro a junho de 2007. p. 379-398

MACHADO, B. **A aprendizagem socioambiental dos visitantes em Unidades de Conservação**. Dissertação (Mestrado), Ponta Grossa: UEPG, 2009.

PIAGET, J. **A epistemologia genética / Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética**. Traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Piero. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural – Coleção Os Pensadores, 1983.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**: por uma teoria do conhecimento. Tradução de Agnes Cretella. 2. ed. Rio de Janeiro:Forense, 1978.

ROSSO, A. J. **A correlação no contexto do ensino de Biologia**: implicações psicopedagógicas e epistemológicas. Tese (Doutorado), Florianópolis: UFSC, 1998.

ROSSO, A. J.; BECKER, F.; TAGLIEBER, J. E. A produção do conhecimento e a ação pedagógica. **Educação e Realidade**. v. 23, n. 2, jul/dez, 1998.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs). **Educação ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Referências Consultadas:

LEFF, E. **Aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo dos saberes. Tradução de Glória Maria Vargas. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a.

_____. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 3. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2004b.

REIGADA, C.; TOZONI REIS, M. F. de C. Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de pesquisa-ação. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 2, 2004. p. 149-159

ROSSO, A. J. A distância entre o projeto da Educação Ambiental e a forma como se efetiva o Ensino de Ciências. In: Guerra, A. F. S.; TAGLIEBER, J. E. (Orgs). **Educação ambiental**: fundamentos, práticas e desafios. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

Apêndice A – Questionário aplicado aos visitantes na primeira intervenção

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado

Questionário sobre a funcionalidade da trilha interpretativa no Parque Estadual do Guartelá.

Escolaridade Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior Idade ____ Profissão _____ Cidade _____

- Após a visita ao Parque Estadual do Guartelá é possível afirmar, segundo o grau de importância que assume para você, que:

A – Muito importante **B** – Importante **C** – Necessário **D** – Desnecessário

QUESTÕES	A	B	C	D
1. O vídeo sobre as Unidades de Conservação mostra as normas de comportamento que o visitante deve ter no ambiente natural. Nesse caso a regra é:				
2. O acompanhamento de um guia ou monitor orientando o visitante nos principais atrativos do Parque Estadual do Guartelá é:				
3. A visita ao ambiente natural pode proporcionar um afastamento da realidade urbana, bem como dos problemas sociais. Isso é:				
4. As informações sobre as características do Parque Estadual do Guartelá servem para orientar melhor o passeio. Isso é:				
5. A observação atenta no percurso da trilha proporciona ao visitante uma aproximação com o ambiente. Isso é:				
6. A trilha possibilita a percepção das transformações ocorridas no ambiente ao longo do tempo. Essa percepção é:				
7. Ao percorrer a trilha é possível perceber áreas degradadas pela ação humana. Essa constatação é:				

- A experiência com a visita ao Parque Estadual do Guartelá vai interferir em alguma atitude ou compromisso na sua vida cotidiana futura? Comente:

Apêndice B – Questionário aplicado aos monitores

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação

Data ___/___/____ Idade: _____ Sexo: () Masc. () Fem.
 Instituição de origem: _____ Cidade: _____
 Tempo de participação no Programa de Voluntariado no Parque Estadual do Guartelá: _____

1. Você consegue responder a maioria das perguntas que os visitantes fazem sobre o Parque Estadual do Guartelá? () Sim () Não

Justificativa: _____
 _____.

2. Para você, qual a principal função do (a) monitor (a) no processo de visitação?

- a) Acompanhar os visitantes na trilha;
- b) Se posicionar em pontos estratégicos a fim de impedir que o visitante saia da trilha;
- c) Orientar os visitantes sobre as características do Parque, fazendo com que interajam com o ambiente;

Justifique: _____
 _____.

3. Se o visitante lhe pergunta sobre alguma característica específica do Parque Estadual do Guartelá, a qual você ainda não sabe responder, imediatamente você:

- a) Diz que não sabe e desconversa;
- b) Dá uma resposta qualquer, afinal o visitante não irá conferir depois;
- c) Diz ao visitante que não tem clareza do assunto e solicita ajuda pelo rádio;
- d) Orienta o visitante para fazer a pergunta ao gerente do Parque, quando retornar ao Centro de Visitantes,.

4. Quando você é solicitado (a) a acompanhar um grupo, geralmente:

- a) Se apresenta ao grupo e no trajeto vai falando tudo o que sabe sobre o Parque Estadual do Guartelá;
- b) Se apresenta ao grupo e segue pela trilha dando as principais explicações para cumprir o percurso;
- c) Se apresenta ao grupo e segue devagar pela trilha para que os visitantes possam observar o ambiente;
- d) Se apresenta ao grupo, comenta sobre aspectos importantes da Unidade de Conservação, interage com o grupo fazendo perguntas, solicitando depoimentos e opiniões sobre o ambiente.

5. O que poderia ser feito para melhorar a interação do visitante com o Parque?

 _____.

6. De que modo a atuação do (a) monitor (a), durante o trajeto da trilha, poderá favorecer que o visitante assuma no futuro uma atitude ativa de preservação do ambiente?

 _____.

7. Na sua opinião o que falta para que o (a) monitor (a) desempenhe melhor sua função?

 _____.

* Autorizo a divulgação das informações acima, desde que seja mantido o anonimato: _____